

Venezuela acha dispensáveis atos disciplinares do FMI

**ALAN RIDING
DO N. Y. TIMES**

CARACAS — O novo governo venezuelano está confiante, achando que a sua crise financeira é menos aguda que a de outros países devedores da América Latina, e acreditando que poderá ser resolvida sem que haja necessidade de um envolvimento com o Fundo Monetário Internacional.

"Não necessitamos da disciplina do FMI, porque a imporemos a nós mesmos", disse o presidente Jaime Lusinchi. "Nossa situação é especial. Nossa estrutura econômica está basicamente forte."

A Venezuela está com atraso de US\$ 1,1 bilhão no pagamento de juros da dívida do setor privado e não efetuou desde fevereiro do ano passado nenhum pagamento sobre o principal de sua dívida, calculada em US\$ 34,5 bilhões. Possui, entretanto, mais de US\$ 11 bilhões em reservas e tem esperanças de receber cerca de US\$ 15 bilhões este ano com as exportações de petróleo.

"O nosso problema é de liquidez e não de solvência", disse um alto funcionário do governo. "Assim que renegociarmos a nossa dívida comercial este ano estaremos numa boa situação. Ao contrário do que ocorre 'com alguns outros países, somos capazes de pagar nossas dívidas.'"

Como resultado disso, a Vene-

zuela optou pela expectativa nas tentativas de se desenvolver uma posição latino-americana comum sobre a crise da dívida. Lusinchi recusou-se a participar com os presidentes do Brasil, do México, da Argentina e da Colômbia de um protesto no mês passado contra o mais recente aumento das taxas internacionais de juros.

A Venezuela concordou em tomar parte de uma reunião dos ministros do Exterior e das Finanças dos países latino-americanos em Cartagena, na Colômbia, a ser realizada, quinta e sexta-feiras para discutir o problema da dívida regional. Mas funcionários do governo dizem que a administração Lusinchi se opôs à idéia de uma renegociação coletiva das dívidas.

Além disso, apesar de o governo que tomou posse há quatro meses ter rejeitado a opção de elaborar um programa de estabilização com o FMI, ele não seguiu o exemplo argentino de transformar o envolvimento do Fundo nas suas decisões econômicas numa questão de soberania.

Uma missão do FMI que está visitando a Venezuela para preparar seu relatório anual a respeito da economia do país não se tornou alvo de ataques da imprensa ou dos políticos e encontrou-se abertamente com grupos empresariais e trabalhistas, bem como com funcionários do governo.